

ETNOGRAFIA E PESQUISA QUALITATIVA: APONTAMENTOS SOBRE UM CAMINHO METODOLÓGICO DE INVESTIGAÇÃO

Maria Oneide Lino da Silva – UFPI- linoneide@hotmail.com¹

Sandra Suely Oliveira – UFPI – sandraoli_iv@yahoo.com.br²

Vanderléa Andrade Pereira – UFPI – vander.lea@ufpi.edu.br³

Maria da Glória Soares Barbosa Lima - UFPI - glloriasoares@yahoo.com.br⁴

RESUMO

O presente texto resulta de investigação qualitativa, na modalidade etnográfica, a qual se encontra em desenvolvimento, e cuja discussão central trata sobre formação de professores. Nesse sentido contempla discussões teóricas sobre a etnografia enquanto metodologia que apóia e direcionam o referido estudo, destacando a observação participante e a entrevista etnográfica, como instrumentos de produção de dados; na consideração de que observações e entrevistas colaboram com a progressividade da pesquisa, de forma harmoniosa, a exemplo de um concerto, como referem Beaud e Weber (2007). Desse modo, a etnografia ao traçar o caminho, a metodologia que conduz à realização da pesquisa em apreço, empreende uma revisão bibliográfica fundamentada em autores como: Angrosino (2009), André (2008,1997^a, 1997b), Hammersley e Atkinson (1994), Moreira e Caleffe (2006), Macedo (2010), dentre outros, registrando, inicialmente, um breve percurso histórico da etnografia, sua origem, pensadores, perspectivando realçar a pesquisa qualitativa em educação.

PALAVRAS-CHAVE: Observação participante. Etnografia e educação.

¹ Professora especialista, pedagoga da Secretaria de Educação do Estado do Piauí, e mestranda em educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí.

² Pedagoga, especialista em educação e mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Piauí.

³ Pedagoga especialista em educação e professora da UFPI - Picos ,e mestranda em educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí.

⁴ Doutora do Curso de Pedagogia e Professora Permanente do Programa de Pós- Graduação em Educação- PP-GED.(UFPI).

ABSTRACT

This paper results from qualitative research, ethnographic modality, which is under development, whose central thread is about teacher training. In this sense includes theoretical discussions of ethnography as a methodology that supports and directs the study, highlighting the participant observation and ethnographic interviews as instruments of production data, in consideration of observations and interviews that collaborate with progressive research, smoothly, like a concert, as mentioned Beaud and Weber (2007). Thus, ethnography to chart the way, the methodology that leads to the research at hand, undertakes a review based on authors as Angrosino (2009), André (2008, 1997^a, 1997b), Hammersley and Atkinson (1994), and Caleffi Moreira (2006), Macedo (2010), among others, recording, initially, a brief history of ethnography, its origin, thinkers, looking ahead to enhance the qualitative research in education.

KEYWORDS: Participant observation. Ethnography and education.

Introdução

A educação na condição de um fenômeno social e multicultural, que deve, por questão de justiça social, abranger a todas as pessoas, de modo que todos os indivíduos possam vivenciá-la, auferindo os benefícios necessários à formação, à construção do cidadão. Nesta concepção, entre outros requisitos, situamos o professor e seu processo de formação, como um dos estudos do processo educativo, razão porque desenvolvemos pesquisa neste âmbito, envolvendo discussões como práticas pedagógicas (SANTIAGO, 2002; PERRENOUD, 1993); saberes docentes (TARDIF, 2002; PIMENTA, 1997), associando a outras conceptualizações a exemplo de formação inicial e formação continuada (LIMA, 2003, ALARCÃO, 1996; NÓVOA, 1992).

Feitas essas discussões iniciais, registramos que se trata de pesquisa qualitativa, empregando a etnografia como referencial metodológico. De modo que, esta comunicação discorre sobre o referido referencial, tal como utilizado, fundamental na pesquisa em apreço, tendo como base de discussão teórica autores como: Angrosino (2009), André (2008), Hammersley e Atkinson (1994), Moreira e Caleffi (2006), Macedo (2010), dentre outros.

A etnografia na pesquisa qualitativa

A abordagem qualitativa de pesquisa tem suas raízes no final do século XIX, quando os cientistas sociais começaram a questionar os métodos de investigação numa perspectiva puramente positivista, principalmente no tocante aos estudos dos fenômenos humanos e sociais. A grande questão neste momento era a possibilidade do desenvolvimento de pesquisa sobre os fenômenos sociais, segundo o método das ciências naturais e físicas. Ocorre que, diante desse dinamismo e da complexidade existente na sociedade, os estudiosos sociais começam a defender uma abordagem qualitativa, subjetiva, que supere a supremacia dos dados quantitativos e busque compreender e “[...] esmiuçar como as pessoas constroem o mundo à sua volta [...]” (ANGROSINO, 2009, p. 8). Neste sentido, a pesquisa qualitativa era realizada no contexto em que ocorria o fenômeno, nas suas relações naturais.

Denzin e Lincoln (2006) consideram a pesquisa qualitativa como sendo uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Logo, essas práticas e matérias interpretativas dão visibilidade ao mundo, transformam-no em uma série de representações e significações realizadas pelos próprios sujeitos da ação. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa do mundo circundante, o que significa que os pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem:

A pesquisa qualitativa envolve o estudo do uso e a coleta de uma variedade de matérias empíricas - estudo de caso; experiência pessoal; introspecção; história de vida; entrevista; artefatos; textos e produção culturais; textos observacionais, históricos, interativos e visuais.[...]. Entende-se, contudo, que cada prática garante uma visibilidade diferente ao mundo. Logo, geralmente existe um compromisso no sentido do emprego de mais de uma prática interpretativa em qualquer estudo (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 17).

Nesta perspectiva, emerge o entendimento de que a pesquisa qualitativa vai além dos dados quantitativos, abordando uma variedade de técnicas com a finalidade de apreender e interpretar os significados existentes no ambiente da investigação. Contudo, nesta discussão entre quantitativo e qualitativo, não significa que uma pesquisa para ser considerada qualitativa deve

banir totalmente os dados quantificáveis, pois como afirma André (2008), eles estão interrelacionados, visto que as análises dos dados quantitativos e/ou qualitativos são feitas a partir dos valores e das referências do pesquisador, portanto, se necessário, usa-se a perspectiva quantitativa.

Neste sentido, a etnografia se enquadra nesta abordagem, pois busca compreender os significados atribuídos pelos próprios sujeitos ao seu contexto, a sua cultura, assim a pesquisa etnográfica se utiliza de técnicas voltadas para descrição densa do contexto estudado, como afirmam Hammersley e Atkinson (1994), ao revelarem que o valor da etnografia como método da pesquisa social está no fato da existência de uma variedade de modelos culturais e do seu significado na compreensão dos processos sociais. Desta forma, a etnografia, como também outras pesquisas qualitativas, buscam a inserção no contexto natural para acessar às experiências, aos comportamentos, às interações e aos documentos para assim compreender a dinâmica do grupo estudado.

De acordo com as idéias de Moreira e Caleffe (2006), a etnografia tem como característica focar o comportamento social no cenário, confiando em dados qualitativos, em que as observações e interpretações são feitas no contexto da totalidade das interações humanas. Os resultados da pesquisa são interpretados com referência ao grupo ou cenário, conforme as interações no contexto social e cultural e a partir do olhar dos sujeitos participantes da pesquisa. No intuito de melhor compreender melhor o percurso da etnografia na pesquisa qualitativa faz-se necessário tecer algumas pontuações teóricas acerca de seu contexto histórico.

A etnografia e seu percurso histórico

A etnografia surge no cenário da antropologia, a partir do momento em que não há mais separação entre aqueles que observavam e que tinham o conhecimento sobre as comunidades no seu contexto e os pesquisadores que, em seus gabinetes, analisavam os dados. Assim, o etnógrafo começa a efetuar ele mesmo sua pesquisa de campo através da observação direta, de modo que o trabalho de campo é a própria fonte da pesquisa (LAPLANTINE, 2003). Este fenômeno se revela devido a necessidade de compreender as relações sócio culturais, os comportamentos, ritos,

técnicas, saberes e práticas das sociedades, até então, desconhecidas, e que adaptaram a problemas comuns da atualidade.

Na origem da etnografia, entre tantos, outros teóricos, citamos Franz Boas (1858 – 1942) que promove uma mudança nas pesquisas etnográficas por considerar o pesquisador como homem de campo que deve anotar e descrever tudo que faz parte da comunidade, desde o material com que são construídas as casas até o comportamento, relações, mitos da comunidade. A etnografia, nessa perspectiva, busca entender a sociedade na totalidade das relações sociais e dos elementos que a constituem.

Malinowski (1884 – 1942) ao estudar a sociedade na sua totalidade, ou seja, como funcionava no momento da observação, põe em prática a observação participante que para ele é a única forma de conhecer intensivamente uma sociedade no seu contexto microssociológico, a partir da relação com o todo social. Portanto, segundo esse autor, para entender o homem na sua totalidade (social, biológica e psicológica) é necessário um trabalho de campo, um olhar para as situações ocorridas no interior do grupo no qual vive, age e se relaciona.

A partir da contribuição destes dois etnógrafos, as pesquisas passaram buscar a compreensão da sociedade sob o ponto de vista das pessoas que nela vivem. Defendem, pois, que não é suficiente fazer perguntas, é necessário observar o que as pessoas fazem as ferramentas que utilizam e como se relacionam entre si. Então, o ir, o ver e o viver com os nativos representaram o marco inicial do surgimento da antropologia científica e a observação participante se tornou a principal técnica para atingir esses objetivos.

O termo etnografia tem sido usado para designar o estudo dos fenômenos sociais a partir de uma investigação em que o pesquisador participa ativamente no contexto pesquisado com o intuito de entender os significados das ações e dos comportamentos dos sujeitos que vivem e se relacionam neste ambiente. Para Moreira e Caleffe (2006), a etnografia é um método e um ponto de partida, é a interação entre o pesquisador e os seus objetos de estudos. Na sua origem, o objetivo principal dos pesquisadores que realizam pesquisa etnográfica era principalmente o compartilhar experiências dos indivíduos, estudando-os da forma mais natural possível a fim de compreender melhor como as pessoas viviam e davam sentido a seu mundo. Neste sentido, a etnografia voltava-se, prioritariamente, para a descrição e interpretação dos valores, das crenças, das ações e todos os eventos que envolvem a vida dos sujeitos pesquisados.

Buscando o sentido etimológico da palavra, Graf(o) significa escrever sobre e etn(o) uma sociedade particular, então etnografia estuda e descreve as formas de viver de um povo, confirmando o que diz Angrosino (2009), a etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano, suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças, envolvendo a descrição holística de um povo e seu modo de vida. Para esse autor, portanto: “[...] etnografia também é um produto de pesquisa. É uma narrativa sobre a comunidade em estudo que evoca a experiência vivida daquela comunidade e que convida o leitor para um vicário encontro com as pessoas [...]”. (ANGROSINO, 2009, p. 34).

Nessa acepção, consideramos que a etnografia é escrita do visível e que a descrição etnográfica depende da qualidade de observação, da sensibilidade ao outro participante da pesquisa, do conhecimento sobre o contexto estudado, seus signos, padrões e acontecimentos, da inteligência e da imaginação científica do pesquisador.

O caminho metodológico da etnografia para a pesquisa

Os estudos etnográficos caracterizam-se, primeiramente, pelo envolvimento do pesquisador no ambiente natural da pesquisa, exigindo uma observação e uma interpretação holística dos dados coletados, ou seja, no âmbito da totalidade das ações humanas. Os dados coletados podem ser em forma de narrativas ou história de vida, mas sem jamais perder o ponto chave da etnografia que é descrição densa e contextualizada do fenômeno pesquisado. Compreende, desse modo, o estudo pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo, por isso a pesquisa deve ser planejada a partir das questões propostas pelo investigador. Para Hammersley e Atkinson (1994) é uma atividade prática que requer um conhecimento sobre o contexto, mas não é simplesmente seguir regras metodológicas, pois muitas vezes, as hipóteses e as perguntas podem emergir no momento da pesquisa de campo, na interação do pesquisador com os participantes da pesquisa.

Moreira e Caleffe (2006) concebem que a pesquisa etnográfica, a exemplo das demais metodologias de pesquisa, segue algumas etapas ou procedimentos que facilitam o andamento da investigação como: formular uma questão relevante a ser pesquisada, saber identificar um grupo para estudar a questão, introduzir a proposta de pesquisa ao grupo para a obtenção do

consentimento e do envolvimento. A coleta de dados ocorre a partir da observação participante e contextualizada e de anotações feitas em campo, realizando, posteriormente, uma descrição densa, detalhada, o que favorece a compreensão do problema de pesquisa, comportando, também, outras técnicas complementares (entrevistas, narrativas, história de vida, etc).

Trata-se de um formato investigativo que envolve um longo período de observação para ver, ouvir e registrar os eventos, visando entender e validar os significados das ações, a partir da descrição, análise e interpretação dos dados. Os dados, a propósito, devem ser organizados partindo do contexto mais amplo para o particular, favorecendo a microanálise, bem como, a interpretação e explicação dos resultados.

A observação participante

Para demandar a pesquisa, no caso, a produção de dados etnográficos, empregamos a observação participante como técnica principal e o diário de campo como recurso auxiliar. O pesquisador, no contexto da observação participante, pode atuar como um observador privilegiado do grupo, não participando das atividades ou pode participar ativamente como membro em todas as atividades do grupo, sabendo ver e ouvir atentamente, registrando o mais fielmente possível todas as informações pertinentes. Neste sentido, precisa exercitar o julgamento rápido para decidir o que é válido registrar ou não. Embora a observação e a tomada de apontamentos sejam feitas à medida que o comportamento acontece, os etnógrafos também podem usar informantes que eles entrevistam sistematicamente. A esse respeito, Angrosino (2009, p. 34) destaca a importância da observação participante para o desenvolvimento da pesquisa etnográfica:

A observação participante não é propriamente um método, mas sim um estilo pessoal adotado por pesquisadores em campo de pesquisa que, depois de aceitos pela comunidade estudada, são capazes de usar uma variedade de técnicas de coleta de dados para saber sobre as pessoas e seu modo de vida.

Implica, nesse sentido, compreender a observação como um ato de perceber as atividades e inter-relações das pessoas do cenário de campo pela ativação dos cinco sentidos do pesquisador, o que exige registro objetivo e uma busca de padrões que são identificados nas vivências da

cultura cotidiana do grupo participante da pesquisa. Deste modo, a observação participante não deve ser vista como um ato isolado, mas como um processo gradual que envolve inicialmente atitudes tais como: saber selecionar o local a ser pesquisado para que viabilize o livre acesso à comunidade; saber conduzir os trabalhos, buscando manter informados todos os colaboradores e/ou participantes locais, quando se fizer necessário; saber conduzir cada etapa da pesquisa, fazendo anotações de forma estruturada ou em formato de narrativas.

Mediante a compreensão da observação como um propósito científico, o pesquisador, ao realizar a observação, deve ter clareza da sua intenção de pesquisa, seu objeto, o problema, as questões norteadoras e quais as técnicas de coletas dados que complementarão a observação. É bem verdade que, na pesquisa etnográfica, o pesquisador não tem controle de tudo, posto que ele depende, também, da “boa vontade” da comunidade, mesmo assim não deve perder de vista o foco da pesquisa tampouco esquecer seu papel de pesquisador.

Para Angrosino (2009), a confiabilidade da observação participante é uma questão de registro sistemático, análise de dados e repetição regular das observações durante um determinado período de tempo em que a validade da pesquisa observacional é um meio de determinar a autenticidade dos resultados. Assim, o pesquisador, pode atestar a validade da sua observação, também, pela triangulação, usando diversas técnicas complementares como a entrevista, narrativas, história de vida, práticas interacionistas, análise de documentos, confirmando, desta forma, os dados obtidos pela observação. No caso específico da pesquisa por nós desenvolvida empregamos as narrativas autobiográficas.

A descrição interpretativa: análise de dados

Não se pode negar a importância das descrições realizadas pelo pesquisador durante o trabalho de campo, como referem Hammersley e Atkinson (1994). Esses autores afirmam, nesse sentido, que a etnografia é uma empresa textual, porém, estes textos devem relatar a realidade como ela se apresenta na visão do pesquisado, colocando os atores, as situações, as manifestações como elas se apresentam, sem perder de vista que esta vertente metodológica busca entender os significados dos eventos na perspectiva do sujeito e não do pesquisador, claro que isto não remete

à neutralidade tão defendida pelos positivistas, mas, salienta a importância do pesquisador conhecer o significado local da ação.

Implica considerar que a preocupação maior da etnografia é obter uma descrição *densa* e holística do evento social, em outras palavras, uma descrição criteriosa e detalhada do comportamento dos sujeitos, considerando os olhares, os gestos, o tom da voz, as pausas, as interações, enfim, tudo que seja significativo para a compreensão do mundo social que está sendo investigado. Para Matos (2001), a descrição mais completa possível depende da qualidade de observação, da sensibilidade em relação ao outro, do conhecimento sobre o contexto estudado, da inteligência e da imaginação científica do etnógrafo, por isso ele deve se preparar para executar sua tarefa, que, em primeiro lugar, é um trabalho científico que requer habilidades e competências de pesquisador, que, de fato, é, inclusive, para definir o que deve e o que não de ser escrito sobre o evento, sobre as pessoas, sobre a comunidade pesquisada.

As contribuições da etnografia para a educação

A investigação qualitativa no campo da educação, segundo Schultz e Brzezinski (2007, p. 83), tem se apresentado com uma tipologia multivariada, ou seja, “Agrupa vários tipos de investigação com características semelhantes”, dentre elas situamos a etnografia, que, por princípio, supõe interação, supõe mudança, no ambiente educativo, isto é, no ambiente social. Desse modo, comporta dizer, entre outras assertivas sobre a etnografia, que seu uso na educação está em compreender a realidade escolar para agir sobre ela, modificando-a, está em revelar a complexa rede de interações que constitui a experiência escolar diária, mostrando, por exemplo, como se estrutura o processo de produção de conhecimento em sala de aula, buscando a interrelação das dimensões cultural, institucional e instrucional da prática pedagógica, mediante uma dinâmica relação do pesquisador com a realidade social pesquisada.

Nessa linha de pesquisa, a busca das representações e das opiniões dos atores escolares, tomando-as como importantes elementos na investigação da prática escolar, inaugura uma linha de estudos que se tornou conhecida como pesquisas do cotidiano escolar (ANDRÉ, 2008), que chamou a atenção dos educadores, dos pesquisadores, para a necessidade de considerar as

dimensões pessoal e interacional, bem como as dimensões institucional e sociocultural no ambiente escolar.

Desse modo, um importante propósito da pesquisa etnográfica na educação é descrever, analisar e interpretar uma faceta ou segmento da vida social de um grupo, dentro de um contexto educativo, compreendendo também como os acontecimentos pedagógicos se relacionam nesse contexto sociocultural. Neste propósito, mediante questões ou declarações amplas, o pesquisador esclarece ao grupo a intenção da pesquisa, estabelece hipóteses e perguntas significativas e tem como fonte de dados as pessoas, os cenários e os objetivos relevantes (MOREIRA; CALEFFE, 2006).

É a perspectiva holística como pressuposto metodológico aplicado à etnografia que possibilita retratar situações do cotidiano escolar, fornecendo uma visão profunda, ampla, detalhada e integrada do objeto de investigação com o contexto macro em que a escola está situada, além de contribuir para “[...] a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade” (ANDRÉ, 2008, p. 30). Esta realidade que revela, sob o olhar de quem a vive, informações e dados que permitam entender o comportamento das pessoas envolvidas no ato educativo a partir da compreensão do contexto no qual o pensamento, o sentimento e a ação dessas pessoas se produzem.

Compreender a sala de aula, numa perspectiva etnográfica é visualizar e analisar sua rotina, as relações, as tensões, e os significados que os sujeitos, que a compõem, atribuem às situações, objetos e atores do cotidiano pedagógico observado. Investigar esse contexto, é ir muito além de uma simples descrição para uma compreensão dos significados culturais através das falas, dos gestos, dos pensamentos expressados e comportamentos das pessoas envolvidas, descrevendo, minuciosamente, os significados culturais do grupo participante da investigação, considerando o universo cultural que também deve ser pesquisado. Para isso, a proposta de pesquisa, no contexto escolar deve ser aberta e flexível, possibilitando alterações no decorrer da sua realização e na busca pelas representações e opiniões coletadas com os atores escolares envolvidos no processo que é coletivo, múltiplo e dinâmico.

A pesquisa etnográfica, tendo como referência as investigações de ANDRÉ (1997, 2008) revela paisagens que se tecem no cotidiano pedagógico da escola, da sala de aula e das interações de professores e alunos e que nos ajudam compreender o universo educacional no seu macro e

micro contexto social, cultural e histórico, em que esta acontece. Essa compreensão se dá porque a pesquisa etnográfica traz, para o centro do discurso, o que ainda não está visível e dizível na cultura escolar como um todo, na sala de aula e nas interações interpessoais reveladas nos cantos físicos e subjetivos do cotidiano escolar.

Considerações finais

Ao optar fazer uma pesquisa etnográfica, necessário se faz realizar um amplo estudo da literatura relacionado-a com o tema de investigação para que o problema formulado possa orientar a entrada do pesquisador em sua investigação. No campo, dentro de uma visão holística, dão-se as observações diretas e intensas para se compreender e relacionar o cotidiano com o problema de pesquisa. Consideramos então o “saber lidar com as percepções e opiniões já formadas, reconstruindo-as em novas bases, levando, sim, em conta as experiências vividas, mas filtrado-as com o apoio do referencial teórico e de procedimentos metodológicos” (ANDRÉ, 1997b, p. 106).

Uma investigação etnográfica permite um entrosamento entre o pesquisador e o grupo pesquisado através de uma relação de confiança, construtiva de aproximação gradativa. O relatório etnográfico deve buscar descrever, segundo aspectos mais relevantes para o grupo participante da pesquisa, os lugares, as pessoas, as situações vivenciadas e observadas, as atitudes das pessoas no cotidiano, suas falas, narrativas coletadas através de diversos instrumentos utilizados pelo pesquisador, considerando sempre os aspectos éticos na pesquisa.

É prudente, por conseguinte, ressaltar, nas escritas finais que compreendem este encaminhamento conclusivo, a importância da sensibilidade, da inteligência científica e da curiosidade do pesquisador na realização de uma pesquisa etnográfica. É seu olhar atento e sensível que fará com que a observação e o registro revelem o outro da forma como este quer ser revelado, interpretado, compreendido, narrado. É a curiosidade científica que provocará um enxergar holístico do ser humano, nas suas mais minuciosas relações e ações localizadas, interrelacionadas com os contextos mais amplos de suas vivências.

Reiteramos, portanto, que a pesquisa etnográfica constitui-se ferramenta significativa de investigação qualitativa, principalmente no âmbito da educação. Seu caminho metodológico, com toda a flexibilidade cabível ao pesquisador, é um potente instrumento de compreensão dos

intensos diálogos intersubjetivos que ocorrem entre os atores que povoam o contexto sociocultural, seja numa comunidade, numa tribo, numa escola ou numa sala de aula.

Referências

ALARCÃO, I. **Formação reflexiva de professores**. Porto: Porto. 1996.

ANGROSINO, M.; FLICK, U. (Coord.). **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 2008.

_____. Avanços no conhecimento etnográfico da escola. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1997a.

_____. **Tendências atuais da pesquisa na escola**. Cadernos CEDES, Campinas, v. 18, n. 43, p.1-9, dez. 1997b.

BEUAD, S.; WEBER, F. **Guia para uma pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (orgs). **O Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**; tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. **Etnografía: Métodos de investigación**. Barcelona: Paidós, 1994

LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia**. Porto Alegre: Brasiliense, 2003.

LIMA, M.da G. S. B. **O desenvolvimento profissional dos/as professores/as pelas histórias de vida: revisitando percursos de formação inicial e continuada**. UFRN, 2003.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação**. 2.ed Brasília: Liber Livro, 2010.

MATOS, C. L. G. de. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. UERJ, 2001. Disponível : [http:// www.ines.org.br](http://www.ines.org.br). Acesso em: 11 de maio de 2010.

MOREIRA, H.; CALEFFE L.G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. RJ: DP&A, 2006.

NOVÓA, A. (Org). **Os professores e sua formação**. Lisboa: D. Quixote, 1992.

PERRENOUD, P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PIMENTA, S. G. **A formação de professores: saberes da docência e identidade**. Nuances. Presidente Prudente, v.3, p.5-14, 1997.

SANTIAGO, A.R. F. **Leitura Crítica e Pesquisa Educacional: dimensões da formação docente**. In: MELLO, Reynaldo. I. C. (org.). **Pesquisa e Formação de Professores**. Cruz Alta: Centro Gráfico UNICRUZ, 2002.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.